

Em nome dos valores humanos

MARCELLO CASTILHO AVELLAR

José Tavares de Barros morreu em 29 de janeiro, aos 72 anos. Barros foi, durante décadas, professor na Escola de Belas Artes da UFMG, lecionando disciplinas ligadas ao cinema. Foi também responsável pela montagem de obras como *Um filme 100% brasileiro*, de José Sette, ou *Idolatrada*, de Paulo Augusto Gomes. Dedicou-se, também, à crítica e à pesquisa.

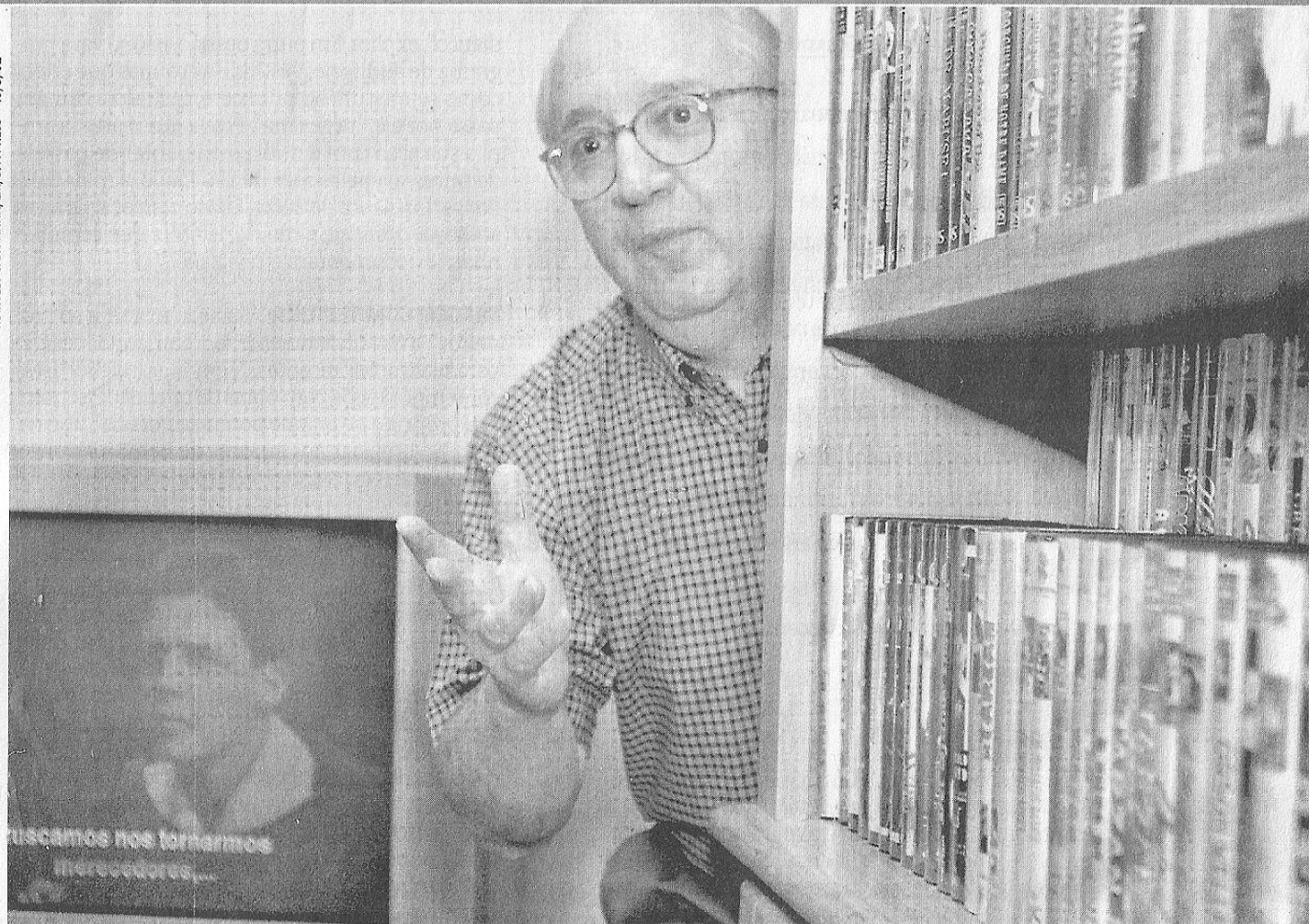
O fato de que o noticiário, local ou nacional, quase não mencionou a morte de Barros é representativo de certas questões que dividem tanto o cinema brasileiro quanto a academia. Sua morte teve pouca visibilidade, como seu trabalho. Barros teve o azar de ficar no meio de um monte de transformações, de estar em dois mundos, tanto no cinema quanto na academia, e não pertencer a nenhum deles. No cinema, chegou depois da geração do cinema novo e antes dos “novos”. Na academia, chegou depois de uma escola que privilegiava a autoridade do professor e antes de uma que declara a supremacia da criatividade e da autonomia do aluno. Bom exemplo disso é a maneira como foi atropelado pela nova geração de professores da Belas Artes, que frequentemente o apontavam como um anacronismo – ao mesmo tempo em que era visto como estranho no ninho da geração de fundadores da escola e seus seguidores. Os extremos têm visibilidade; as criações intermediárias, não – independentemente de seu valor.

Por causa disso, é bom destacar algumas contribuições de José Tavares de Barros para o pensamento cinematográfico brasileiro. Primeiro, a ênfase na história –

para ele, não seria possível criação cinematográfica de valor sem vínculo com a história, tanto geral quanto do cinema. Segundo, o vínculo com a comunidade, variação do tema anterior – o ensino ou o pensamento de cinema só fazem sentido quando filtrados pela história da comunidade da qual faz parte o professor, o pesquisador ou o artista. Hollywood ínge que é universal, mas fala, antes de tudo, dos Estados Unidos, da Califórnia, de Los Angeles. Esse conjunto de ideias o levou, ao lado de companheiros como José Américo Ribeiro, a uma quixotesca jornada em defesa do cinema produzido em Minas, da preservação de sua história, do debate em torno dele.

Terceiro, Barros percebia o cinema, o ensino e a pesquisa sobre ele como processos de comunicação. Olhava de esguelha tanto a crítica que investiga os filmes apenas como estruturas estéticas e linguísticas, quan-

to aquela que segue a reboque do caráter econômico da indústria. Por fim, vale a pena lembrar que se tratava de um dos últimos integrantes de uma geração que buscou no humanismo a fonte para o pensamento sobre cinema. Bom exemplo disso era sua paixão pelo prêmio cinematográfico que é patrocinado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Margarida de Prata. É um prêmio singular. Não finge que busca os melhores filmes. Procura, realmente, contribuições à humanidade por meio do cinema – o filme de conteúdo social e moral, a obra que luta pelos fracos ou defende a justiça, a película que educa e convoca à transformação do mundo. O Margarida de Prata premiava exatamente o tipo de filme em que José Tavares de Barros acreditava, aquele que gostaria que seus alunos fizessem, investigassem, criticassem.



O professor, crítico e montador José Tavares de Barros morreu em janeiro, aos 72 anos